

A Formação do Palhaço de Hospital: Regras e Transgressões

Ana Achcar¹

O que mais me impressionou quando encontrei um palhaço em um hospital pela primeira vez não foi a estranheza de sua figura espalhafatosa e excêntrica num ambiente de tensão e silêncio. A sua presença não é exagerada, nem é exatamente sisuda e séria a atmosfera do lugar onde ele atua. Num primeiro momento, o que me saltou aos olhos foi uma extrema delicadeza nas suas atitudes, uma esperteza sutil por trás das suas palavras e uma explícita disponibilidade para ir de encontro às necessidades do outro, fosse este a criança enferma, um dos pais ou responsáveis, alguém da equipe de saúde, o faxineiro ou o profissional da segurança. O setor pediátrico de uma instituição hospitalar, apesar do clima de gravidade que em alguns momentos se instala, também não é nada silencioso e nem a tristeza é assim tão regularmente retumbante. Inicialmente destituída dos clichês, a minha observação nesse dia se tornou uma experiência inesquecível de percepção da relevância, da originalidade e da eficácia da ação artística do palhaço em ambiente hospitalar. Ele nos convida a perceber a realidade através dos sentidos. Ele nos ensina a rirmos de nós mesmos. Ele aceita seu próprio ridículo, e se expõe, tornando inútil a pretensão de sermos uns melhores do que os outros. O palhaço nos lembra a nossa própria humanidade. E é nessa perspectiva que a experiência do humor, que ele traz para dentro do ambiente hospitalar, acaba possibilitando o reforço da qualidade humana nas relações que nele se estabelecem.

¹ **ANA ACHCAR** é pesquisadora, diretora e atriz de teatro. Professora de Interpretação da UNIRIO (RJ), é coordenadora do Programa *Enfermaria do Riso* que forma atores para atuarem como palhaços em hospitais.

O texto que aqui apresento resulta da minha pesquisa de doutoramento através da qual investiguei esse palhaço e a natureza artística da sua ação. É possível formar o palhaço de hospital? Como? Do que precisa saber? Quanto tempo necessita para atingir seu objetivo? Na tentativa de pensar essas questões propus uma estrutura de capacitação para o palhaço de hospital que se estruturou a partir da experiência das ações empreendidas entre 1999 e 2007 no Programa Interdisciplinar de Formação, Ação e Pesquisa *Enfermaria do Riso*², criado em 1998 na UNIRIO, com o intuito de promover a atuação de estudantes do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Cênicas da Escola de Teatro como *enfermeiros-palhaços*, no serviço pediátrico do Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Hoje, após oito anos de experiência teórico-prática, configuro a premissa de que para atuar em ambiente hospitalar não basta a formação atorial do palhaço, mas impõe-se a especialização, com práticas e conhecimentos específicos, testados em ambiente real e avaliados sistematicamente. Fora algumas exceções como, por exemplo, o Programa Doutores da Alegria que realiza audições formativas para atores/palhaços profissionais, no Brasil, em geral, essa experiência de formação é informal ou inexistente³.

² Registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários e Estudantis, o Programa desenvolve ações nas três instâncias da formação em nível de 3º grau: a extensão, o ensino e a pesquisa. O estudante de teatro, após seguir capacitação específica, cursando disciplinas optativas inscritas na grade curricular do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Cênicas, atua como palhaço nas instalações pediátricas do Hospital Universitário Gaffrée & Guinle da UNIRIO e do Instituto Fernandes Figueiras da FIOCRUZ. São atuações semanais, duas vezes pela manhã no HUGG e uma vez à tarde no IFF, de março a dezembro. O Programa atinge e mobiliza 800 pessoas por mês, entre pacientes infantis, parentes e acompanhantes, e equipe de Saúde e estudantes de teatro. No âmbito da pesquisa, além de apoiar essa averiguação de um método de capacitação para o palhaço de hospital, o Programa ainda é base para investigações que dizem respeito à dramaturgia do palhaço de hospital e ao papel do exercício da linguagem do palhaço para a formação do ator.

³ O Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Doutores da Alegria realizou em 2002 um mapeamento dos palhaços que estão trabalhando em hospitais no Brasil hoje. De acordo com os resultados deste levantamento, mais da metade dos palhaços não tem formação profissional nesta área e apesar de acharem importante o aperfeiçoamento na linguagem artística, a prioridade absoluta dos seus investimentos é a abertura de novos espaços de atuação em hospitais. Segundo Morgana Masetti (2005: p. 7-10), coordenadora do Centro, existe uma compreensão por parte dos grupos de que este trabalho possa ser desenvolvido por qualquer pessoa sem a devida formação. Assim temos uma gama enorme de palhaços com objetivos diversos, dentro de uma atividade com a mesma denominação.

Eu me aproximei do estudo do palhaço, alguns anos antes por via indireta, através da prática da máscara teatral⁴. O que sempre me intrigou no jogo com a máscara é o paradoxo de, supostamente escondido sob o objeto, o ator se sentir tão revelado e exposto por ele. O misterioso encontro com a máscara possui também outro lado, aquele do aprendizado de rigorosas regras para sua utilização e exige que o ator seja capaz de perceber uma interioridade e ao mesmo tempo construir uma forma para ela. A máscara é um instrumento fundamental de execução das leis que regem a atuação cênica, no trabalho sobre a presença, a atenção, a escuta e sobretudo sobre o corpo do ator e as suas possibilidades de criação. O ator quando usa a máscara vê, fala e escuta, com o corpo, pelo corpo. A pesquisa com “a menor máscara do mundo” (Lecoq, 1999: p.154), o palhaço, surgiu como forma de dar continuidade à experiência iniciada com a máscara teatral, quadro ao qual se agregou, por confluência de ações pedagógicas, a atuação em ambiente hospitalar.

O ator que escolhe o palhaço para atuar num hospital, está definindo uma linguagem artística como instrumento para se relacionar com o outro. O palhaço precisa se formar, se preparar e escolher, sobretudo escolher, como uma forma de atuação profissional, o trabalho com crianças no hospital. O palhaço se dirige ao que é saudável numa criança que está doente, no intuito de manter vivas as suas possibilidades de criar, de sonhar, de rir. De fato, o mundo do palhaço é bem diferente daquele do hospital, mas seu universo está muito próximo ao da criança. Essa proximidade cria rapidamente uma grande cumplicidade entre eles. A aproximação, num segundo plano, com os médicos e enfermeiros e mesmo os acompanhantes, se dá através da própria criança. A estrutura hospitalar, desde a sua

⁴ Essa experiência foi sistematizada na minha dissertação de Mestrado intitulada *O Papel do Jogo da Máscara Teatral na Formação e no Treinamento do Ator Contemporâneo*, orientada pela Professora Doutora Angela Leite Lopes da UFRJ e defendida em maio de 1999 no Programa de Pós-Graduação em Teatro da UNIRIO.

organização espacial setorizada, com suas áreas ambulatoriais, de internação e de tratamento intensivo, até a hierarquização da equipe de Saúde, passando pelo acesso seletivo ao medicamento, está associada à descoberta do corpo humano como objeto de investigação científica. Assim, o palhaço quando traz no seu corpo, e na sua ação, o indício de uma temporalidade e de um lugar diferentes daqueles nos quais ele se encontra, abre um mundo novo no ambiente hospitalar: propõe uma outra lógica, redimensiona lugares, desestabiliza relações estruturadas de poder, estimula a comunicação e chama a atenção para a ligação entre corpo e indivíduo, entre forma e conteúdo, entre exterior e interior, porque movimenta imaginação e crença numa perspectiva física, concreta.

O estudante que atua como enfermeiro-palhaço no Programa *Enfermaria do Riso* segue, obrigatoriamente, um curso prático e outro teórico, ao menos, por três semestres letivos consecutivos. No curso prático, intitulado *Jogo e Relação*, inicialmente, ministram-se jogos de integração que ajudam na formação de um grupo forte e coeso capaz de sustentar as variações das experiências que se sucederão. Gradualmente introduzem-se exercícios que ativam a percepção do espaço, do outro, da noção de tempo, como elementos do jogo. Adota-se o uso do objeto, da palavra e do gesto, na perspectiva de um estudo rítmico da ação. Inicia-se o trabalho sobre o palhaço como um estado do ser, incentivando a procura do lugar de descoberta dessa natureza em cada um dos participantes, articulando a criação de relações pessoais, intransferíveis e específicas com a realidade que o cerca. Afastando a idéia de que há um personagem palhaço a ser criado, afirma-se, através das proposições, a necessidade de que cada um trabalhe intensamente sobre a sua própria estrutura física e emocional exercitando a sua memória e sua imaginação. Dando prosseguimento à formação executam-se exercícios que possibilitam a revelação e o desenvolvimento das habilidades

particulares de cada um. Propõe-se a cada um a criação de um repertório próprio de ações que sustente sua visão do mundo, sua lógica. Experimentam-se objetos, adereços, roupas e maquiagem do palhaço na tentativa de afirmar uma identidade para ele. Introduce-se o trabalho sobre a formação da dupla: surgem *branco* e *augusto*, duas qualidades de atuação que se alternam segundo as exigências da situação em jogo. No curso, o palhaço é exercitado na perspectiva da máscara e da contra-máscara. Prossegue-se sobre a afirmação do palhaço como sujeito risível, incentivando os estudantes a desnudarem os aspectos ridículos e grotescos da sua máscara. Finalizando aplicam-se exercícios que procuram trabalhar, principalmente, as relações do palhaço com o seu público, neste caso, aquele que frequenta o hospital. A idéia de que o palhaço só existe quando há o outro que se interessa por ele é praticada através de exercícios de improvisação apresentados a uma platéia de convidados e, por meio de exercícios de simulação de ambientes. Incentivam-se os palhaços a criarem pequenas ações com objetos do universo hospitalar, e a desenvolverem curtas entradas cênicas onde possam treinar suas habilidades como enfermeiro-palhaço. O que está em jogo é a sua capacidade de afetar esse seu público particular na sua possibilidade de transgressão. Provocar no outro, por meio da experiência do humor, potência, alegria e liberdade. Dependendo do seu aproveitamento e seguindo as orientações para a entrada no hospital, o estudante inicia ao final do terceiro semestre o seu estágio como enfermeiro-palhaço.

Do curso teórico fazem parte do programa de capacitação três módulos de *Seminários de Estudos Dirigidos* onde se realizam leitura, discussão e reflexão de textos cujos conteúdos se afinam com os princípios que regem a experiência do palhaço em ambiente hospitalar. Distribuídos em três grandes áreas temáticas, *Criança*, *Saúde*, e *Palhaço*, estes

estudos apóiam o estudante na elaboração de conceitos e nomações que o ajudaram na elucidação da sua própria prática. Acompanhando os seminários, há o que se chama *Supervisão Psicológica*, sessões de terapia em grupo, uma a cada semestre, com profissional responsável pelo apoio psicológico aos estudantes. Trata-se de uma oportunidade de amadurecer emocionalmente algumas questões surgidas durante a experiência no hospital, tais como o óbito de uma criança, o vínculo com outra criança que está em estado terminal, a transferência de função materna com as crianças sem acompanhante; e também ajudam a superar as dificuldades na relação com o poder hierarquizado que se organiza, por exemplo, entre os membros da equipe de Saúde.

Por fim, há os *Seminários de Avaliação e Produção de Relatórios* dirigidos ao estudante em estágio no hospital que acontece no semestre seguinte ao término da terceira etapa da formação prática. A atuação no hospital é avaliada mensalmente pela coordenação do programa de capacitação, através de visitas de observação ao trabalho e da apreciação de relatórios produzidos pelos estudantes. O estudante freqüenta ainda reuniões de apresentação nos encontros de rotina do serviço pediátrico do hospital e participa de oficinas de jogo cômico no hospital intituladas *O Riso na Saúde*⁵.

Na verdade, a pesquisa sobre a capacitação certificou o palhaço de hospital como uma modalidade de cômico, que se emparelha com a dos palhaços de circo, de feiras, de teatro, bufões, bobos, tolos, os arlequins da *commedia dell'arte*. Nesse caso, o palhaço porta o branco, embora as cores estejam presentes, estrategicamente escondidas e ao mesmo tempo aparentes, no arranjo que ele faz na sua roupa hospitalar. Seus objetos estranhos e

⁵ *O Riso na Saúde* é uma oficina oferecida pelo Programa Enfermaria do Riso à equipe de Saúde do hospital e aos estudantes de Enfermagem e Medicina, duas vezes por ano, no intuito de promover o entendimento dos princípios que regem a atuação do palhaço em hospitais de forma prática. Durante aproximadamente três horas, os estudantes de teatro se misturam ao grupo para vivenciarem juntos os exercícios de sensibilização e de improvisação.

engraçados estão misturados a instrumentos médicos ou sátiras de objetos hospitalares. Mas não se trata apenas de um ajuste formal. Uma questão importante levantada durante a investigação deste método formativo para o palhaço atuar em hospitais foi justamente como manter, nesse ambiente, a essência da figura milenar e transgressora que o palhaço veicula através da experiência do humor: a liberdade de ser e de criar. Como escapar de produzir uma terminologia taxativa na tentativa de explicar a sua atuação? *Palhaço cuidador, palhaço terapeuta, palhaço de hospital*. A adequação do palhaço ao ambiente não será uma forma de aderência, de absorção do riso como elemento controlador da realidade? Suavizando a força do palhaço, tornando-o uma figura habitual no hospital, não o tornamos também uma presença dispensável?

A atuação no hospital credita à função do palhaço uma imprescindibilidade que parece andar na contramão da comercialização do riso e da conseqüente banalização da sua figura, hoje. A instituição hospitalar desperta a força de provocação do palhaço devolvendo-lhe o papel de verdadeira encarnação do festivo, que nos possibilita, a todos, inclusive a ele, o exercício de existência libertadora, que tanto nos falta na vida cotidiana. O palhaço de hospital foge à empregabilidade superficial e desenfreada da comicidade publicitária, e é aproveitado na promoção de uma idéia de saúde e de bem-estar geral, que está relacionada com a valorização da humanidade nos indivíduos.

Para Verônica Bestetti (2005: p.70), o êxito do palhaço que incide nas chamadas situações difíceis e de crise está na forte identificação por parte do público atingido. O palhaço é o inadequado ou, de qualquer modo, um personagem *out*, e as suas atuações ditas sociais ocorrem geralmente em situações *out* ou com pessoas *out*. Há uma imediata simpatia com ele, que gera uma intensa relação entre ele e seus espectadores que se

tornam, também, comparsas, cúmplices, participantes, colaboradores da sua ação. Então, como equilibrar o extraordinário e o íntimo, na relação com a sua presença?

Ao longo do processo de construção do procedimento de capacitação do palhaço de hospital, surgiram dúvidas e dilemas, que reforçaram essa dicotomia, opondo a preponderância do cômico na expressão do corpo à insistência de significação do sublime através da palavra. O exercício de transposição da realidade no jogo da máscara contrapondo-se à verossimilhança proposta nos processos de descoberta do palhaço. A postura desobediente da figura cômica atritando com certa domesticação de sua expressão e presença em ambiente hospitalar.

Na tentativa de responder às exigências da atuação no hospital e às escolhas metodológicas que é preciso fazer em sala de aula, deparei-me com uma intensa necessidade de reflexão ética acerca do trabalho. A coerência na adoção de princípios do jogo cômico, a transparência na avaliação do aproveitamento do estudante, a responsabilidade na liberdade de ação do artista, chamaram a minha atenção para a construção de um código normativo e prescritivo dos valores e deveres do palhaço de hospital.⁶

A questão da ética na Medicina, atualmente, traz uma discussão sobre sua própria concepção como disciplina científica e sobre a conseqüente regulamentação do uso de seres humanos em pesquisas. Parâmetros instituídos, tais como o consentimento e o direito à desistência do paciente/ sujeito pesquisado; a antecipação de benefícios científicos que devem ultrapassar os riscos; a experimentação anterior em animais; a ausência de sofrimento; parecem evidentes e amplamente difundidos no exercício do pesquisador e do

⁶ Utilizei como referência as experiências de códigos de ética de palhaços de hospital do programa *Le Rire Médecin*, da França, e do *Pupaclown* da Argentina.

profissional de Saúde, mas não deixam de constituir um campo de conflito com os interesses das empresas financiadoras, geralmente da indústria farmacêutica, que parecem exercer enorme pressão sobre os cientistas.

Assim, um código deontológico para a atuação do palhaço em hospitais deve se referir, inicialmente, exatamente ao tipo de vínculo do artista com a instituição. O que assegura a liberdade da ação do palhaço no hospital é justamente a ausência de vínculo empregatício com a instituição hospitalar. Quando não for possível evitá-lo, ele precisa ser bem definido nos seus princípios. Ao palhaço de hospital não serve o poder do médico, nem o lugar do enfermeiro ou do técnico de enfermagem na hierarquia hospitalar, tampouco o lucro da empresa farmacêutica com a doença. Ao palhaço de hospital interessa a alegria e a liberdade de poder ir e vir aonde o riso seja necessário e transformador.

Imediatamente, uma qualidade importante deve constituir esse riso: a experiência do humor que o palhaço veicula nos ambientes e nas situações do universo hospitalar propõe um riso inclusivo. O palhaço é ridículo e através da sua risibilidade ele liberta e não, reprime. O palhaço de hospital difunde o riso *com* no lugar do riso *de*. Ele discerne quando o riso não é adequado, quando pode ferir mais do que aliviar.

No que diz respeito à mecânica da atuação, o palhaço de hospital sempre trabalha com um parceiro. As técnicas de quebra de padrão e instalação da comicidade se baseiam no jogo de duplas, onde a oposição e a complementação podem se alternar como recursos cômicos. Além da dupla ser um lugar de segurança, de apoio, para onde cada palhaço pode voltar nas situações mais delicadas ou arriscadas.

Atuando em estreita colaboração com o profissional de Saúde, o palhaço não deve iniciar o trabalho sem que tenha informações suficientes sobre o diagnóstico e o prognóstico das crianças internadas com as quais deverá interagir. Ele deve guardar segredo sobre tudo

o que lê, vê e ouve a respeito da enfermidade e da identidade da criança. Mas o palhaço não deve em nenhuma circunstância tomar o lugar de um membro da equipe médica ou de enfermagem sob quaisquer pretextos ou brincadeira. A sua figura não deve se associar aos procedimentos dolorosos e traumáticos de intervenção médica ou pré-cirúrgica.

No campo relacional, ele deve se preparar para trabalhar com envolvimento, sem, no entanto, estabelecer vínculos com a criança e sua família. No vínculo, os papéis sociais se fixam e ele deve ter cuidado ao administrar as transferências emocionais e as projeções de funções que a criança realiza, para que elas permaneçam maleáveis e apropriadas ao jogo lúdico.

O palhaço de hospital deve aprender e respeitar as regras de higiene hospitalar e não oferecer, em hipótese nenhuma, risco de contaminação através do uso indiscriminado dos seus objetos nos vários locais do serviço pediátrico. Deve também conhecer as leis de segurança do espaço e não colocar em perigo, através das propostas de jogo, a idoneidade física da criança. Ele só atua com o seu consentimento. A permissão é o tempo que a criança precisa para experimentar a sensação de confiança, sem a qual os palhaços nada podem fazer no hospital. O respeito à recusa da criança hospitalizada é a mais importante e maior porta de entrada no hospital.

Para isso, é indispensável que o palhaço de hospital se prepare para sua atuação através de cursos de formação profissional e treinamento específico e que ele domine completamente as técnicas que utiliza nos seus jogos e ações. Enquanto estiver trabalhando no hospital o palhaço deve se manter em constante aperfeiçoamento, não apenas das suas competências artísticas como também dos seus conhecimentos na área da Saúde.

Enfim, o trabalho do palhaço no hospital mostrou ser possível e desejável a aproximação de dois domínios: o da arte e o da saúde. O palhaço improvisa no hospital. Ele

cria e recria o jogo todo o tempo, com seu parceiro, com a criança, com os dois. A improvisação é um exercício que reúne todos os elementos que compõem a arte de atuar e recupera para o ator a relação entre o risco de se expor e o equilíbrio de encontrar uma forma apropriada de expressão. O palhaço nasce do engano, da deflagração das fraquezas e limitações humanas. Esse processo de formação se torna um duro e ao mesmo tempo belo exercício de se conhecer, de perceber o outro, de descobrir e explorar o espaço como se fosse a primeira vez. O palhaço traz um mundo novo para dentro daquele já conhecido, recria lugares, desestabiliza relações estruturadas de poder e estimula a comunicação. O fato de aceitar seu próprio ridículo o libera para transformar o erro em recurso, em possibilidades de mudança. A conjugação do exercício de improvisação, da figura do palhaço e do universo hospitalar contribui na difusão e na comunicação de um sentido para as relações entre os indivíduos, qualquer que seja a natureza da sua condição, e abre caminho para associações complementares como entre o palhaço e a criança, entre o riso e a transgressão, o humor e a saúde, a arte e a transformação.

Esta proposta de capacitação não pretende fixar um modelo de formar o palhaço de hospital, trata-se antes de uma proposição possível de formação e treinamento profissional. O processo de afirmação de cada palhaço é pessoal e particular, conduzido pelas possibilidades de elaboração da experiência e de amadurecimento do sujeito que o engendra e mesmo que baseada numa prática realizada com um grupo particular de estudantes de teatro desenvolvida em circunstâncias específicas da academia universitária, produzindo resultados que são testados num determinado ambiente hospitalar; a minha intenção é ampliar essa experiência de tal forma que ela possa ser aproveitada como referência por outros palhaços ou grupos de palhaços que se interessem em atuar em hospitais, hoje. Este método não é o único método. É um parâmetro. Um modo de proceder, de operar certos

conhecimentos. Além do mais, não há como dominar as forças inconstantes e irregulares do saber intuitivo. Por isso, é necessário trabalhar com uma folga, deixar uma fresta, para que o sujeito possa transgredir as próprias limitações e encontrar seu lugar autêntico e autoral no processo criativo. Sem a transgressão, a regra não sobrevive, sufoca, seca, atrofia-se.

O palhaço nos autoriza o encontro com nós mesmos. Na solidão, somos todos iguais. A diferença que o palhaço faz é que já não somos mais solitários. Podemos rir e estar uns com os outros sem que a doença nos recolha, nos separe da alegria e da força da vida. O palhaço que atua para crianças em hospitais inventa uma maneira de fazer coexistirem norma e rebeldia, semelhança e diferença, vida e morte. Rir, de fato, não é o melhor remédio. O melhor remédio é, de longe, o que acontece depois do riso.

Bibliografia

BESTETTI, Verônica. O palhaço entre a renovação e a profanação in *Boca Larga Caderno dos Doutores da Alegria* n. 1. São Paulo: Doutores da Alegria, 2005. p. 67-83.

BOLOGNESI, Mario Fernando. Circo e teatro: aproximações e conflitos in *Sala Preta* n. 6: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP, 2006. p.9-19.

LECOQ, Jacques. *Le Corps Poétique*. Paris: Actes Sud-Papiers, 1999.

MASETTI, Morgana. Que palhaçada é essa? in *Boca Larga Caderno dos Doutores da Alegria* n. 1. São Paulo: Doutores da Alegria, 2005. p.7-10

SIMONDS, Caroline. *Le Rire Medecin*. Paris: Éditions Albin Michel, 2001.